

O VÔO DO PÁSSARO

Josyane Malta Nascimento*

*“Transfigurar, explicar,
interpretar o acontecimento é que é a
arte do memorialista” (Pedro Nava)*

Era dia de sol e chuva, dia plural naquele lugar. Pedro abriu os olhos devagar. Mal conseguia abri-los. Era como se as pálpebras dormentes estivessem pregadas. Há quanto tempo estaria com os olhos fechados? Pensou em noites. Muitas noites estaria ele dormindo sem se dar conta. O calor do sol subia-lhe nas pernas e ele sentia uma sensação agradável, como há muito tempo não sentia. O rosto estava fresco e algumas pequenas gotas d'água caíam sobre sua face. Pedro, como quem acorda num susto, abriu inteiramente os olhos. Era como se estivesse saindo de uma viagem muito longa e escura. A claridade lhe incomodava. Teve vontade de gritar e chorar, mas não sabia bem como produzir sons. Era como se há tempos estivesse calado e agora perdesse a prática de falar, como quem fica muito tempo sem escrever e quando pega a caneta, as letras saem borradas. Sentiu-se parido novamente, mas sem mãe para lhe dar colo.

O calor era agradável, visto que Pedro acordara com o corpo muito frio. Devagar, ele pôde se levantar. Primeiro ergueu a cabeça, puxando o corpo levemente para frente. Aos poucos, Pedro colocava-se sentado e logo estava de pé. A sensação de caminhar parecia-lhe esquisita, era como pisar em ovos. Não entendeu por que estava ali naquele lugar. Muitas árvores, terra e mato. O caminho em nada se parecia com bosques. Mais parecia um grande barranco. Havia árvores, mas não flores, nem grama. Era mato. Teve certeza de estar em cima de um morro. Julgou que descer era a melhor opção: *“Para baixo todo santo ajuda”*. O caminho se estendeu por uma mata densa e fechada. Até que num certo ponto, Pedro pensou que poderia andar em sentido diagonal, a fim de explorar o lugar, ao mesmo tempo em que descia. Andou pouco e logo pôde avistar uma trilha.

* Aluna do Mestrado em Letras, área Teoria da Literatura, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

“Uma pedra rolou pela encosta da montanha. Rola, rola e voa e vai varando”, foram os versos dos quais Pedro se recordou quando tropeçou numa pedra e deslizou bastante, até que caiu numa parte plana, (*“Aterrissagem”*), onde pôde ver o pé do morro.

Uma sensação de satisfação o envolveu e ele se lembrou de seus versos e também dos de Drummond *“No meio do caminho tinha uma pedra”*. Sentiu que era poeta. A consciência literária era desperta nesse instante: *“sou poeta”*, pensou. E sentiu-se como um fenômeno no mundo, uma sensação maravilhosa de existir; ele mesmo, Pedro Nava, um ser de olhos abertos existindo em algum lugar que ele não distinguia nem se lembrava. Sentiu a consciência poética fluir-lhe nos flancos, como uma música suave e transcendente, de tal modo que quando se deu conta, estava desperto para a vida. Tratou logo de descer o que ainda restava. Atravessou uma cerca de arame. Deu-se, enfim, em chão firme de concreto. Preocupou-se em se ajeitar, limpar a terra, quando percebeu os seus trajes: *“Um terno de ministro... ou roupa nova de noivo”*, pensou. Eram mais versos seus dos quais ele se recordava, ao ver sua roupa alinhada e elegante. Um traje desses que se usa apenas em situações célebres. Surpreendido, tratou logo de bater o excesso de terra na roupa e continuou a caminhar pela rua de asfalto.

Pedro, ainda que estivesse em chão firme, novamente sentia a sensação de estar descendo um morro. Não tardou a aparecer uma descida lateral que, para variar, era um outro morro que terminava em uma rua ainda maior e mais plana, aonde transitavam muitos carros e pessoas. Aquela rua maior era familiar a Pedro. Caminhou em direção a ela, como se esse fosse o caminho que ligasse muitas outras ruas, como um rio com seus afluentes.

Demorou um tanto para Pedro recordar-se do lugar. Mirou seu olhar para o caminho que havia percorrido e traçou o itinerário até descobrir o morro onde havia acordado. Um morro muito alto, que no topo havia um Cristo. *“É o Morro do Imperador”*. Agora Pedro soube onde estava, *“o caminho novo das Minas dos Matos Gerais”*. Pedro percebeu que estava em Juiz de Fora, *“estou na antiga Rua da serra”*. Na verdade, avenida Olegário Maciel. Mas o que estaria ele fazendo ali, com aquelas “roupas de alto colarinho”? Como fora parar em Juiz de Fora? *“Como fui parar no Morro do Imperador, eu não sei. Sei apenas que, sem memória de outras coisas, consigo, entretanto, saber que estou em Juiz de Fora. Percebo, aqui, o meu berço, o meu umbigo”*.

Continuou a andar pela rua e não demorou a encontrar, “*a Academia de Comércio com seus padres*” e lembrou-se: “*a rua da Califórnia, ou melhor, a rua Halfeld, descia como um rio do Morro do Imperador*”, e Pedro continuou a descê-la, um morro de concreto inclinado, donde se via lá em baixo uma multidão de transeuntes. Adiante, pôde chegar à rua Santo Antônio e, enfim, ao Parque Halfeld. Pedro encheu-se de saudades e recordou: “*o Parque Halfeld das minhas gazetas, cheio de irerês e do grito das araras cujas cores lembravam as das flores; cheio da sombra verde das magnólias e das sapucaias, do sussurro das casuarinas e dos bambus, do murmúrio das águas da fonte central e das que caíam, como cortinas de contas de vidro, das pedras rústicas encimadas pela Cabana*”. A sensação que lhe causava as reminiscências era esplêndida, tanto que não mais lhe importava saber como fora parar ali. O espaço juizforano não era um mero cenário, mas antes, parte de Pedro Nava e de sua vivência empírica, seu universo memorialístico.

Atravessou o Parque Halfeld, deu-se com a avenida Rio Branco, a antiga Rua da Direita. No grande centro comercial da Halfeld, transeuntes como formigas corriam de um lado para o outro. Sentiu-se como “Egon na rua Schimmelfeld” que descrevera em *Galo das trevas*. Pedro Nava, cujo codinome ele se lembrava, juntamente com sua origem, sentiu que já não mais deveria estar ali. Alguma voz, que sutilmente ele percebia, sussurrava aos seus ouvidos que já era hora de partir.

Pedro começou a descer a Halfeld em disparada. Encarava a multidão, mas sentia que as pessoas não o olhavam, não o percebiam. Chegou mesmo a sorrir para uma garotinha que não mudou a expressão facial. Pensava que talvez estivesse sonhando e que, de repente, levaria um susto e acordaria sabendo melhor das coisas. A consciência de Juiz de Fora e as reminiscências trazidas eram agradáveis, mas era só o que Pedro sabia a não ser o seu próprio nome e codinome e alguns versos dele e de Drummond. Teve vontade de ir para casa, mas não sabia onde ela ficava.

As imagens das pessoas, das casas e dos edifícios cada vez mais ficavam confusas. A sensação de agora não era nada agradável. O estado “desperto”, que antes sentia ao acordar no Morro do Imperador, já não era latente, a não ser de sua consciência memorialística a respeito de Juiz de Fora. Sentia que a qualquer momento uma espécie de

blecaute arrasaria a sua consciência de ser “fenômeno” que era o “estar ali”, em Juiz de Fora.

Pedro continuou a descer a Halfeld, atravessou a Batista de Oliveira, onde se lembrou: “*Chamava-se Rua do Comércio quando papai fechou a casa da roça e nos trouxe para cá*”; continuou o caminho, cortou a Getúlio Vargas e, ao fim da Halfeld, encontrou-se na Praça da Estação. O relógio marcava 18h. A chuva começara a cair devagar e o sol já se colocava atrás dos morros. Em frente a uma banca de jornal, Pedro escondeu-se debaixo de uma marquise. Descera o Morro do Imperador e toda a rua Halfeld sem saber ao certo o rumo que tomaria. Não conseguia pensar em nenhum destino. Na banca, algumas pessoas conversavam e outras assistiam atentas aos jornais. Pendurada no varal de jornais e revistas, a notícia: “14 DE MAIO DE 1984, MORREU ONTEM O POETA JUIZ-FORANO DR. PEDRO NAVA (...)”. A surpresa não foi grande. Apesar de não se lembrar da morte, Pedro preocupava-se apenas em “*ir para algum lugar, seja para o céu ou para o inferno*”. O último fluxo da consciência de Nava girava em torno das memórias de Juiz de Fora. Ele não conseguia sair daquela cidade e por mais que andasse, não chegava a lugar algum. Andou tanto, que ao fim daquela noite ele percorreu toda Juiz de Fora: do Alto dos Passos até o fim da zona norte. Quando não mais agüentou, encolheu-se no chão e ficou em posição uterina por muito tempo. Lembrou-se de cada instante vivido naquela cidade: da família, das mulheres, dos amigos. Deixou que toda a ação memorialística revelasse os segredos do “*pobre homem do caminho novo*”.

Pedro fechou os olhos devagar. Sentiu o avesso do que sentira quando acordou no Morro do Imperador. Achou que fosse cair em sono profundo, mas estando desprovido de todo fluxo de consciência que ainda restava, fechou seus olhos absolutamente, desapegando-se do último fio de lembrança que ainda tentava penetrar-lhe. Foi então que sua alma encontrou uma revoada de pássaros que anunciava o fim do outono de Nava. Sua consciência final voou com eles, observando lá de cima o panorama mais lindo que um poeta um dia mereceu ver. Viu os homens e a Terra pequeninos.

Os versos de Pedro Nava caíram lá do alto espalhando-se pelo mundo afora, semeando poemas em cada lugar onde caísse um pedacinho da sua alma.